
Capítulo 3. **As estimativas futuras de população – o perfil da população brasileira**

A formulação de políticas e programas, sabe-se, atende a objetivos e planos previamente definidos. Quando essas políticas e programas são de tipo social e procuram satisfazer demandas da população, embora evidente, nem sempre essa população é adequadamente identificada, sendo menos evidente, ainda, a necessidade de prever seu comportamento futuro.

Diante da necessidade de quantificar demandas sociais, como é o caso do déficit habitacional, para poder planejar e ofertar com eficácia os serviços demandados é necessário, conseqüentemente, delinear tão acuradamente quanto possível esse público alvo: a população.

Neste capítulo apresenta-se, à maneira de introdução no objetivo da construção de estimativas futuras, o perfil atual da população brasileira que serve de pano de fundo a esses propósitos. Inclui, também, alguns dos resultados obtidos nas projeções desenvolvidas a fim de completar essa visão e explicitar a necessidade e importância de obter conhecimento preciso sobre a população.

Na seqüência deste capítulo, descreve-se o que se espera para a população brasileira em termos da sua composição por sexo e idade e das variáveis demográficas determinantes dessa composição: a fecundidade, a mortalidade e a migração. Os detalhes metodológicos se detalham nos capítulos seguintes.

A população brasileira no passado recente (1970 a 2010) – Uma contextualização

A composição por sexo e idade da população brasileira é produto de impressionantes mudanças – principalmente no comportamento re-

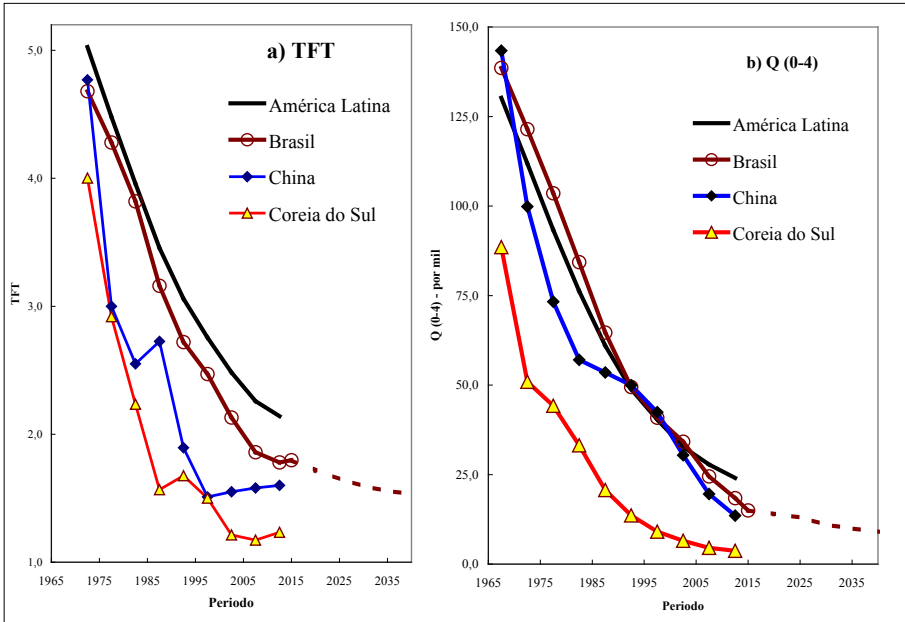
produtivo, na fecundidade e na mortalidade. Nas seguintes linhas documentam-se essas mudanças e algumas das consequências no crescimento da população e nas relações intergeracionais.

A mudança que vem se operando na fecundidade, que por sua vez, é o mais forte determinante da composição por idade de uma população tem a ver com a diminuição do número de filhos que os casais têm e que está ocorrendo desde aproximadamente a primeira metade do século passado. Há que se salientar que este fenômeno está presente na maioria dos países em desenvolvimento, o que inclui alguns países asiáticos, como a China e os *tigres asiáticos* e a quase totalidade dos países latino-americanos (Gráfico 3.1.a). As mudanças não são exclusividade *tupiniquim*.

O Brasil carrega um passado recente, no qual as mulheres tinham, em média, em torno de cinco filhos; já na primeira década do século XXI, seguindo uma trajetória muito similar à registrada no continente, esse número é inferior a dois e, conseqüentemente, insuficiente para garantir a reposição generacional. As estimativas produzidas neste trabalho indicam que, embora muito mais lentamente, essa tendência de ter cada vez menos filhos manter-se-á (ver linha pontilhada que corresponde a valores projetados no mencionado gráfico). Para o período 2015–20, a Taxa de Fecundidade Total (TFT) provavelmente será inferior a 1,8 até atingir, em 2040, a marca de 1,53.

GRÁFICO 3.1

TAXA DE FECUNDIDADE TOTAL E PROBABILIDADE DE MORTE
ENTRE 0 E 4 ANOS 1970-2015 PARA AMÉRICA LATINA, CHINA E COREIA
DO SUL E ATÉ 2040 PARA O BRASIL



Fonte: United Nations (2017), Economic and Social Affairs, Population Division. World Population Prospects: The 2017 Revision, DVD Edition, e para o Brasil (2015-2040) estimativas internas.

A acentuada diminuição da fecundidade tem sido de tal ordem, que o número absoluto das novas gerações que passam a compor a totalidade da população tem mostrado contínuos decrementos em termos, inclusive, absolutos. Por sua vez, a mortalidade, principalmente nos primeiros anos de vida, também experimentou expressivos declínios, o que, contudo, não foi suficiente para compensar essa diminuição. No Gráfico 3.1.b observa-se que, tal como no caso da fecundidade, esta diminuição da mortalidade entre crianças, além do acentuado declínio, não foi um fenômeno único para o Brasil. Com efeito, a probabilidade de morte entre 0 e 4 anos (q_{0-4}) que tem sido outra das mudanças de maior impacto na sociedade, seguiu no Brasil, praticamente a mesma tendência registrada para o continente.

A composição da população por sexo e idade

As consequências de semelhantes mudanças na composição por idade se refletem na estrutura por idades da população, na qual, à medida que mudam a fecundidade e a mortalidade, muda, também, a dinâmica e o perfil por idade.

Uma forma global de ver esta evolução populacional é considerando três grandes grupos etários que representam bastante bem as demandas sociais e as relações intergeracionais. Estes grupos, por consenso, costumam ser

- a) Menores de 15 anos.
- b) População de 15 a 64 anos (ou, em idade de trabalhar).
- c) Maiores de 65 anos (ou população idosa).

A tabela 3.1, mediante indicadores sumários da composição da população, oferece uma visão global da população do Brasil e da evolução que já foi objeto de exaustivas análises e as quais vale a pena replicar, mesmo que sucintamente, pois isso ajudará a compreender melhor as perspectivas futuras.²

De acordo com o censo de 2010 e as várias estimativas disponíveis, a população total do país está em torno de 200 milhões de habitantes. A distribuição relativa dos grandes grupos etários explicita a mudança populacional já mencionada nos parágrafos anteriores. O peso relativo da população de menos de 15 anos diminuiu, pelo menos até o ano 2010, bastante significativamente, com o conseqüente aumento proporcional da população nas outras idades, notadamente aquela em idade de trabalhar (15-64 anos). Até o ano 2000, ao longo das três décadas anteriores, o país teria crescido a um ritmo médio de 2% que, já desde os anos 1970, era altamente diferenciado por idade. Ao passo que as crianças apresentavam um ritmo de crescimento anual inferior a 1%, a população idosa já ostentava taxas superiores a 3%.

²Ver, por exemplo, Albuquerque, 2006; Wong e Carvalho, 2006.

TABELA 3.1

INDICADORES DA ESTRUTURA ETÁRIA: POPULAÇÃO POR GRANDES GRUPOS ETÁRIOS, TAXAS DE CRESCIMENTO, RAZÕES DE DEPENDÊNCIA E SUAS DISTRIBUIÇÕES RELATIVAS E ÍNDICES DE ENVELHECIMENTO – BRASIL – 1970-2040

a) Indicadores de crescimento									
Ano	Total absoluto (1)	0-14	15-64	65 e mais	Taxa de crescimento (2)				
		Distribuição relativa			Total	0-14	15-64	65 e mais	
1970	95,33	42,2	54,4	3,4	2,03	0,91	2,62	3,32	
2000	175,29	30,1	64,8	5,1	1,16	- 0,75	1,69	4,01	
2010	196,80	24,9	68,4	6,7	0,89	- 0,84	1,04	4,46	
2020	215,08	20,9	69,5	9,6	0,46	- 0,80	0,33	3,45	
2030	225,21	18,5	68,6	12,9	0,12	- 1,17	-0,04	2,38	
2040	227,86	16,3	67,6	16,2	-	-	-	-	

b) Indicadores intergeracionais (Ou de dependência)							
Ano	Razão (por cem)			Distribuição Relativa (%)			
	Total (3)	Jovem (4)	Idosa (5)	Total	Jovem	Idosa	
1970	84,0	77,6	6,3	100,0	92,5	7,5	
2000	54,3	46,5	7,8	100,0	85,6	14,4	
2010	46,3	36,4	9,9	100,0	78,7	21,3	
2020	43,9	30,1	13,8	100,0	68,6	31,4	
2030	45,7	26,9	18,8	100,0	58,8	41,2	
2040	48,0	24,0	24,0	100,0	50,0	50,0	

Fonte: Até 2010: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2017). World Population Prospects: The 2017 Revision. 2020 em diante: ver capítulos 3 e 4.

(1) Em milhão.

(2) Média anual por cem para o período entre o ano indicado e o seguinte.

(3) Razão de Dependência (RTD) = RDJ + RDI.

(4) RDJ = Pop. menor de 15 anos/população de 15-64.

(5) RDI = Pop. de 65 anos ou mais/população de 15-64.

A entrada nos anos 2000 mostra os valores francamente negativos da taxa de crescimento dos menores de 15 anos ou a diminuição absoluta da população jovem, já mencionada linhas acima. Mostra igualmente o crescimento exacerbado da população nascida nos anos 1960 ou nos anos anteriores: trata-se de um crescimento médio anual de 4%.

A tendência de diminuição e aumento das taxas entre jovens e idosos, respectivamente, continuou até 2010 e espera-se que assim continue, pelo menos até o final do período de projeções aqui considerado. Note-se que, para 2030–40, com exceção da população acima de 65 anos, que, estima-se, cresça ainda em ritmos superiores a 2% ao ano, os demais grupos etários terão taxas negativas de crescimento.

O comportamento diferenciado por idade da população brasileira possui clara tendência a um envelhecimento populacional – constatado múltiplas vezes na literatura demográfica brasileira – que se avizinha a passos largos. Este envelhecimento, que traz enormes desafios às políticas públicas (Wong e Carvalho; 2006, Queiroz e Turra, 2009), observa-se nas mudanças das relações de dependência (RD) resultantes. A RD total terá interrompida a clara tendência de queda, já a partir de 2020, sendo que, na década de 2040, o componente “idoso” já será tão representativo como o componente “jovem”.

Todo desenho de planos e programas sociais – como o caso da oferta de moradias – deverá considerar o panorama populacional ora perfilado nessa Tabela 3.1.